

# A herança perdida do índio

**A História nem sempre contou a verdade do que aconteceu com os nossos índios: expulsos de suas terras, dizimados e sacrificados, o registro acabou transformando a luta desse povo numa epopéia onde o branco levou a melhor**

Para a maioria dos estudantes que chega à escola primária e toma contato com versões oficiais de nossa História, a visão que tem dos índios é a de que eles eram ou continuam sendo uma raça de seres ignorantes e perigosos. Por isso mesmo, um dos maiores inimigos do homem. Desprovidos de qualquer traço de caráter e significação, eles conviviam promiscuamente entre si, à semelhança de verdadeiros bichos, desenvolvendo um tipo de cultura que, no entender do pretoso civilizado, era preciso ser transformada a todo custo. Quando possível, arrasada, destruída. Tal concepção não se restringe apenas a isso.

Ainda hoje, essa falsa concepção histórica continua a dominar o roteiro das produções cinematográficas, a ponto de as pessoas em todo o mundo sentirem-se mais afeiçoadas aos heróis e vilões fabricados por Hollywood, numa atitude que nada tem a ver com a verdadeira realidade. Aos poucos, porém, tais imagens distorcidas começam a ser desfeitas, apagando a impressão disseminada ao longo dos anos pelos meios de comunicação.

A marcha opressiva do colonizador sobre as terras indígenas acabou passando às páginas da História como forma mais correta

do comportamento humano, enquanto milhares e milhares de seus ocupantes e donos eram sacrificados, torturados, afugentados do seu habitat para lugares mais distantes. É que alguns de nossos melhores historiadores foram também traídos por esse tipo de visão transmitida por pessoas influenciadas por relatos onde o branco procurava se desculpar dos violentos massacres impostos contra nações inteiras de nativos que aqui já existiam antes mesmo de aportarem as caravelas vindas da velha Europa. Era preciso, segundo entendem alguns historiadores modernos, cumprir determinações das cortes que financiavam projetos caríssimos de navegação. Mais do que isso, era necessário ganhar as simpatias dos soberanos à troca de aumentar as rendas das coroas e ampliar os territórios conquistados. Para isso se impôs um tipo de violência onde a ganância do homem acabou resultando numa epopéia expansionista. Aos índios, evidentemente, coube a maior parte dos sacrifícios.

Convivendo com o verdadeiro sentido de liberdade, até na maneira de se vestir, os indígenas da América dificilmente trocariam a vida e a convivência pacífica entre tribos pelo cativoiro com que os dominadores

pretendiam transformá-los. Por isso foram chamados de preguiçosos. Ao se rebelarem contra a invasão de suas aldeias, acusaram-nos de selvagens, indóceis, hostis. Ao relutarem em aceitar imposições de uma cultura que lhes era estranha, simplesmente, consideraram-nos inferiores.

Ainda assim, eles acabaram demonstrando uma lição importante para o "civilizado". Uma lição que levou anos de muita luta e muito sacrifício para ser compreendida por alguns, embora o grosso da nossa população ainda prefira destacar a presença do branco no início de nossa colonização, em detrimento dos legítimos herdeiros do País, cuja herança cultura remonta a mais de 25 mil anos.

**PERDA DE ORIGENS** - Há alguém que indague sobre o paradeiro dos índios que habitaram no Ceará em outras épocas, cujas nações constituíram-se em população jamais determinada, a única resposta é a de que eles não mais existem. O contato com o branco significou a sua aculturação e miscigenação de forma a restarem poucas marcas e vestígios desse passado. Essa, pelo menos, é a opinião do historiador cearense Raimundo

Girão, para quem a obra capaz de fornecer alguma pista sobre os nossos silvícolas continua sendo a escrita pelo historiador Carlos Studart Filho, falecido semana passada.

Para Girão, a herança cultural deixada pelas várias tribos é quase nenhuma. Alguns remanescentes assimilaram totalmente os costumes do branco a ponto de hoje em dia serem confundidos com o civilizado até mesmo no seu biótipo. É que, numa medida de pura sobrevivência, os índios cearenses ainda temem ser molestados, como foram seus ancestrais, preferindo negar a sua condição de indígenas. É o caso, por exemplo, dos tapebas, antigos potiguares.

O que resta dessa antiga nação se constitui um grupo de pessoas em total estado de miséria, concentradas no município de Caucaia, a menos de 20 quilômetros da capital. Sem nenhum recurso para atender às suas necessidades de sobrevivência, os tapebas vivem de atividades pouco lucrativas como a caça e a pesca, a exemplo dos seus antepassados.

**NAÇÕES E TRIBOS** - São raros os que demonstram intenções de trabalhar a terra. Pelo contrário. Preferem passar o dia andando de cima para baixo, pelas ruas de Caucaia ou Fortaleza, oferecendo aves em gaiolas que eles mesmo fabricam em suas choupanas. Alguns chegam a mendigar a sorte, esquecidos totalmente pelas autoridades. Além desses remanescentes, há que se destacar outros dois grupos: os tremembés e os paicús. Os primeiros residindo na localidade de Almofala e os segundos na Serra do Apodi.

Eles são os últimos descendentes de algumas das mais importantes nações indígenas do Brasil à época do descobrimento: os tupis e os cariris. Essas duas nações dividiam-se e subdividiam-se em grupos que chegavam a contar com mais de 60 denominações. Os tupis, de acordo com o historiador Raimundo Girão, foram subdivididos em potiguares, tabajaras e tremembés. Os cariris foram os primeiros a habitarem o sul do Estado, vidos da Serra de Borborema, na Paraíba. "Os Cariris eram o desdobramento dos cariris da Paraíba e Pernambuco e que ocuparam o sul. Aqui tomaram a denominação de Cariris Novos", explica Raimundo Girão, observando que eles passaram muito tempo nas imediações da Chapada do Araripe, agrupando-se depois no local onde hoje está situada a cidade do Crato.

Os tabajaras, conhecidos também como "abanheenga" (língua travada) ocuparam o alto da Serra da Ibiapaba, vindo através do Piauí. Eram índios guerreiros e, ao se defrontar com eles, Pero Coelho lutou, encontrando uma forte resistência por parte dos indígenas. Por essa época, chegavam as primeiras expedições religiosas ao Ceará, e uma delas - a segunda - muito contribuiu para a pacificação dos silvícolas, o trabalho dos padres Francisco Pinto e Luiz Figueira. Há relatos de que o padre Francisco Pinto foi assassinado pelos tabajaras numa das tentativas para conter o avanço dos índios.

Uma outra tribo importante, a dos Tarariús, era conhecida ainda por duas designações, Canindés e Jandóins. Habitavam a princípio as fronteiras do Rio Grande do



**"Uma vez atirei num índio. Quando cheguei perto ele ainda estava vivo, com os olhos cheios de lágrimas. Até parecia gente"**

(Testemunho de um matador profissional)

Arte/colagem: Rosenberg Cariry

Norte e Pernambuco, sendo expulsos de lá. Avançaram pelo sertão cearense até se fixarem no sertão central.

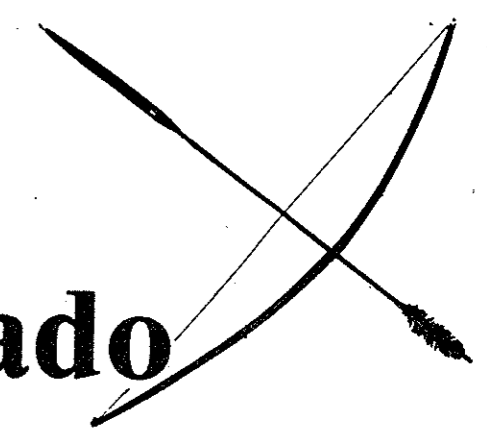
**AS MISSÕES** - As causas do desaparecimento, para o historiador Raimundo Girão, estão ligadas ao expansionismo colonialista levado a cabo por Portugal. "A proporção que os colonizadores iam chegando e penetrando, os índios iam sendo mortos", lembra ele. O português considerava os indígenas como um bicho, tanto que junto às expedições chegadas do velho Continente vinham sempre padres dispostos a catequisarem os índios. "Quando terminou o processo de povoamento, virtualmente eles foram desaparecendo, restando as missões com o objetivo de catequisar".

Entre as missões consideradas famosas em nosso Estado se destacaram a antiga Missão dos Miranda, que mais tarde se tornou a Vila Real do Crato, e a Nossa

Senhora das Palmas. Foram desenvolvidos esforços para que o índio se ajustasse ao processo desencadeado pelos colonizadores, mas muitos ofereceram resistência enorme, como os Jucás e os Icó, relutando a todo custo em se submeter às ordens dos "invasores". Por isso eles foram taxados de terríveis saqueadores, quando na verdade estavam defendendo direitos específicos de regime de propriedade.

É que o regime de propriedade era comum entre os nossos índios. As terras eram de todos os indivíduos das tribos, assim como o produto da caça e da pesca era repartido entre toda a população. Quando os portugueses se instalaram próximo às margens dos rios Salgado, Jaguaribe e Icó, os índios saqueavam as fazendas, roubando o gado, "isso porque eles não tinham conhecimento da propriedade privada", explica Raimundo Girão.

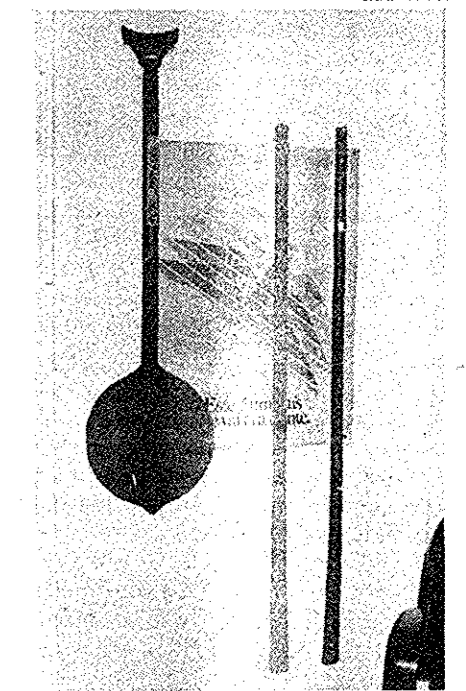
## O que foi preservado



Das duas salas do Museu Histórico e Antropológico do Ceará, localizado na Avenida Barão de Studart, 410, são reservadas unicamente ao acervo indígena cearense. São as salas Pompeu Sobrinho e a Sala Instituto do Ceará, com uma média de 1.500 peças evocando os primitivos habitantes do Ceará. Ali, o visitante pode avaliar um pouco da cultura das nações que, em outros tempos, habitaram o Estado a par de objetos que demonstram o valor de sua cultura.

Na Sala Pompeu Sobrinho, homenagem a um dos maiores indigenistas do País, encontram-se expostas iguabas e artigos de uso indígena, como pratos de barro, painéis, caldeirões e urnas funerárias. Uma coleção de cachimbos e outros adornos. O acervo da Sala Instituto do Ceará se compõe de uma coleção lítica do professor Dias da Rocha, considerada uma das mais ricas que se tem notícia em todo o País. São arcos, flechas, tacapes, cocares, redes de cordas trançadas pelos índios além de uma coleção de 622 machados de pedra colocados em tubuletas e mais 184 objetos líticos, muitos utilizados pelos nossos indígenas.

O museu recebe visitantes de terça a domingo, entre 7h30min e 17h30min.

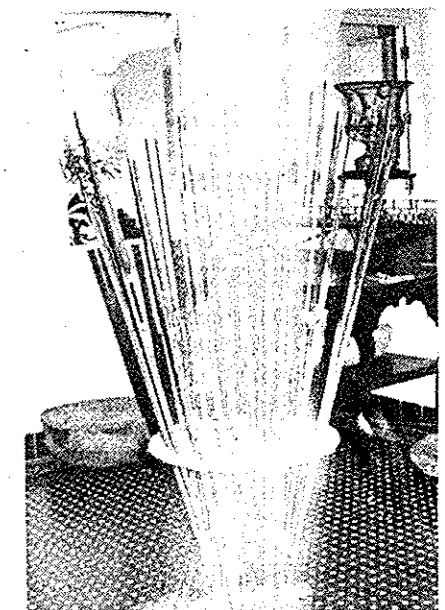


No país do futuro, a cultura indígena é mera peça de museu

sendo grande o número de pessoas que procuram se inteirar da cultura indígena das nações e tribos dos primórdios de nossa colonização. Para o diretor do Museu, professor Osmito de Oliveira Barreto, trata-se de um dos mais valiosos acervos do País, a par de informações de escritores e historiadores de que pouco se preservou do passado dos nossos índios.



Umamortuária e iguabas convivem hoje próximas a aparelhos modernos



Flechas indígenas encontradas em Baturité e regiões adjacentes



Dona Maria Alves Teixeira esqueceu suas raízes culturais



Os descendentes dos tapebas assimilaram a cultura do branco

# Não há futuro para o índio

*Luiza Teodoro reconhece serem mínimas as chances de nosso índio sobreviver aos ataques que ainda hoje contra eles são perpetrados*

**C**aso não se altere a situação política da América Latina, para um sistema de vida mais humano, onde os direitos das minorias sejam respeitados, não haverá futuro para o índio. Essa é a conclusão a que chegou a professora Luiza de Teodoro, ao analisar a problemática do indígena de nosso continente, que ela classifica entre os povos mais sacrificados do planeta. "Pode ser que haja um prolongamento de vida para eles, mas se perdurar uma sociedade de consumo como a nossa, os índios vão ser perseguidos aonde estiverem", observa ela.

Para Luiza de Teodoro, a própria história do índio cearense ainda está para ser levantada com mais profundidade. Dela, por exemplo, se poderia extrair alguns traços característicos da própria personalidade do nordestino, como por exemplo, a de sair de sua terra e conseguir sobreviver lá fora. Ao contrário do que se supõe, foram muitas as contribuições deixadas pelos nossos ancestrais indígenas, a ponto de a professora considerar que "temos uma contribuição indígena muito maior que a própria contribuição negra". Faltam elementos que possam tornar isso mais claro, reconhece, considerando ainda muito superficiais os estudos levantados até aqui para contar a história da cultura indígena.

Luiza de Teodoro, que é professora dos cursos de História das Universidades, Estadual e Federal do Ceará, se propõe a uma discussão em torno desse tema por considerá-lo da maior importância para o entendimento da personalidade do cearense de hoje. Ela tem participado de vários debates e discussões acerca dos mais variados temas, sendo reconhecida uma das figuras mais ativas do nosso meio intelectual.

**Pergunta** - Comparando com o que a gente conhece de outras culturas nativas, como você situa o índio brasileiro?

**Todo contato com o índio é destrutivo**

**Resposta** - Nós somos frutos de uma civilização ocidental que adquiriu predominância no mundo, a partir do século XVI, não por ser melhor que as outras, mas por ser mais forte. Então, nesse caminho, a partir do sistema colonial, foram destruídas inúmeras civilizações que tinham um valor moral e intelectual muitas vezes superior ao nosso, mas que não tinham as nossas armas nem a nossa tecnologia; e muitas que conseguiram escapar, e aí eu entro na sua questão, elas conseguem escapar na medida que permanecem distantes dessa cultura avassaladora que foi originada na Europa Ocidental do século XVI. A



**Luiza:** Por ser diferente, a cultura indígena não é inferior. É apenas diferente.

situação do nosso índio é a mesma. Na medida em que ele tomou contato com essa civilização e que essa civilização cobiou aquilo que ele possuía e que era primeiro que tudo a terra - e ainda continua sendo - tem sido perseguido e esmagado. Os seus valores, não apenas desconsiderados, como destruídos. E quando não destruídos fisicamente, destruídos de uma maneira preconceitual. É aquela história "vamos converter o índio", como se a civilização ocidental trouxesse algo mais rico, que os índios, renunciando ao que era seu e adotando aquilo que era estranho a eles, significassem uma conversão, isto é, uma promoção em outras palavras. Eu acho que sempre foi um contato destrutivo. Isso não apenas com as culturas americanas, pré-colombianas, como todas as outras culturas africanas e asiáticas, todas as outras que não tiveram a condição nem a intenção de exercer no mundo um predomínio pela força e pela violência como o Ocidente tem mantido.

**Pergunta** - Também atualmente, as causas da dizimação dos indígenas estariam ligadas a esses motivos?

**Resposta** - É, os motivos são os mesmos. As coisas não são tão fáceis assim. Você vê uma coisa muito óbvia, é a ganância. As terras do índio tem sido objeto cada vez mais de exploração, pela terra, pela madeira, minérios. Isso é o óbvio, o que aparece. Mas eu acho que existe uma coisa mais grave por trás: é a

justificativa que a nossa cultura ocidental criou de destruir aquilo que é diferente dela. Se é diferente, então, necessariamente, é inferior. Se é inferior deve ser absorvido pela nossa. Essa tem sido a praxe dos colonizadores. E é claro que quando existe a resistência, então no choque vence o mais forte.

**Pergunta** - Os meios de contato utilizados pelo branco, você considera os mais recomendáveis para se chegar ao índio?

**Resposta** - Já está implícita na primeira resposta que esse dito civilizado, que aliás não é o pelo menos não o é nunca no contato com as culturas mais fracas - são sempre destrutivos. Porque mesmo quando eles se apresentam sob a aparência de pacificação ou mesmo as "excelentes intenções missionárias" é sempre destrutivo, porque sempre se parte desse princípio: alguém inferior a mim precisa ser modificado por mim. De modo que a técnica de abordagem, se ela é na base do presentinho ou se ela é na base da porrada, no fundo o resultado é o mesmo.

**Pergunta** - Há quem insista na opinião de que existe muito folclore em torno da preservação do índio, achando que muitos que se preocupam com a situação do índio não tem realmente boas intenções. Você concorda?

**Resposta** - Olhe, nem todos os que se preocupam com a situação do índio tem

meios imediatos para ajudar em alguma coisa. Mas na medida em que essas pessoas fazem parte e ao mesmo tempo formam uma opinião pública que signifique chamar a atenção para o problema humano, para o respeito a uma cultura diferente e para preservação de seres humanos que estão sendo destruídos, e isso não é folclore não porque eles estão sendo mortos mesmo, estão sendo assassinados, eu creio que não se pode considerar isso como uma futilidade. Pode ser que os indivíduos sejam fúteis, agora a atitude me parece sempre muito mais positiva do que quem ignora ou se omite em relação ao problema.

**Pergunta** - O Ceará teve algumas nações e grupos até certo ponto consideradas importantes. O "contato" com o civilizado em relação a eles foi mais forte do que o registrado entre outros grupos brasileiros ou as nossas tribos eram menos resistentes?

**Resposta** - Houve as duas coisas. A história do nosso indígena ainda está para ser levantada com mais profundidade, porque é interessantíssima. Não só interessante como fenômeno histórico, porque houve casos de resistência até morte pelo nosso índio, como também eu creio que seria um traço da nossa

**Nossos índios estão sendo assassinados**

personalidade histórica a ser explorada. Nós, os nordestinos, temos uma contribuição indígena muito maior que a contribuição negra. E a gente ainda não fez um levantamento sério em relação a isso. O que é que nós ainda somos, daqueles grupos que eram incríveis. Veja, por exemplo, no início da nossa história esses indígenas considerados ignorantes, como os chamados civilizados diziam, arrastaram por este Ceará afora os pretensos civilizados na ambição de uma hipotética riqueza que eles iriam encontrar simplesmente como tática de destruição. Isso é um negócio duma finura que só lendo as entrelinhas da nossa história você percebe, começa a sentir, a sacar que havia coisas interessantíssimas na maneira do índio reagir. Então houve as duas formas: houve a reação direta onde eles foram esmagados e esse tipo de reação indireta, essa manha do mais fraco que muitas vezes consegue ser mais forte do que o pretensão forte. Houve também a assimilação, aqueles que não tiveram outra forma senão aceitar aquilo que lhes era imposto e se deixassem assimilar pelo branco. Isto está na nossa cara.

**Pergunta** - Dessas nações, restou alguma marca que você possa ressaltar e

que ainda hoje é preservado por nós cearenses?

**Resposta** — Eu sempre tenho pensado que valeria a pena que a gente fizesse um levantamento sério dos traços características, da filosofia de vida, da maneira de sentir o mundo, do ritual dos nossos indígenas porque, certamente, muita coisa se preservou. Você vê, por exemplo, um traço assimilado por nós. A maneira de cantar. Você sabe que a nossa maneira de cantar, no interior, as noveas, é essa maneira anasalada. É uma maneira tipicamente indígena. As danças folclóricas, principalmente as danças imitativas da nossa natureza; lá no Cariri se preserva muito esse tipo de dança, como a da ema. São coisas que estão ligadas aos rituais indígenas, em que eles imitavam o animal para adquirir um poder mágico sobre eles. Agora, o que ficou na nossa personalidade nordestina foi a nossa maneira de perceber o mundo que é muito característico; essa nossa capacidade de adaptação também é outra. A gente sai e vai para o mundo inteiro e em todo canto você saca tudo e você sobrevive de qualquer maneira. Será que isso é só um resultado de uma problemática econômica? Ou existe nisso alguma coisa que ficou marcada geneticamente em nós, desses povos que, apesar de tudo, conseguiram viver se adaptando.

**Pergunta** — Você concorda com a visão que se criou em torno do mito Juruna, com a que ele próprio tem dito e feito junto ao chamado civilizado?

**Resposta** — (sorri) Ora, o mito Juruna é um negócio muito curioso. Tenho a impressão que o Juruna é daquele tipo que a gente pensa que está gozando e é ele que está gozando a gente. Aliás, eu

jogo do branco e usufruir do branco aquilo que é conveniente pra ele e, ao mesmo tempo, fazer uma tremenda propaganda da situação do índio. Porque, depois do Juruna, ninguém ignora mais que existe índio. Agora, já para os grupos de caciques mais ortodoxos, mais voltados para o problema indígena no meio político que está sendo gerado na América Latina, é possível que o Juruna seja uma pessoa ambígua. Com um pé lá e outro cá. Faça mais o jogo do branco, se deixe absorver, se deixe envolver, eu não sei. Diz-se isso. Mas eu desconfio muito da imprensa branca. Porque convém muito a imprensa branca denegrir a imagem de um homem como Juruna. É muito fácil entrar num jornal e dizer que o Juruna é mal visto pelos caciques quando os caciques não tem jornal para dizer se é verdade isso ou não. Então, pessoalmente, acho que o Juruna um grande gozador. Tanto é que está aí: "como é, vocês querem me pagar, vamos nessa". "A arma de vocês é dinheiro, tudo bem, vou ganhar, vou fazer minha propaganda de Jurubeba, porque é vocês podem ganhar dinheiro e eu não?". Não me parece que ele tenha sido envolvido tanto quanto se deseja. Mas isso é sempre uma faca de dois gumes, porque o sistema é muito forte. Se ele está jogando, ele está jogando um jogo perigoso.

**Pergunta** — Com a sua visão de estudiosa do problema, como você vê o futuro do índio no Brasil? Ele conseguirá existir no futuro?

**Resposta** — A não ser que mude toda a situação, toda a orientação política dos nossos países da América Latina, pra um sistema de vida mais humano, em que os direitos das minorias sejam respeitados - e isso começa a partir do pobre, a partir das minorias dentro das cidades - eu não vejo futuro, não. Há tentativas, é claro. Pode ser que haja um prolongamento de vida, para eles, mas se perdurar uma sociedade de consumo, uma sociedade do lucro, voltada para o privilégio, o individualismo e a cobiça, eles vão ser perseguidos aonde estiverem. Eles não, o solo em que eles pisam. Se não há respeito pelo que está mais próximo, como é que vai haver respeito por pessoas que são, no entender de muitos, uma espécie de bichos? □

***Juruna está só gozando a gente***

tenho muita esperança que seja assim. Ele já deixou transparecer que percebeu que existem várias formas de resistência. É a forma de resistência que ele encontrou pode ter sido de, aparentemente, fazer o